

@Internacional 320

é o número de vezes que foi para o ar o programa dominical 'Alô Presidente' protagonizado pelo presidente venezuelano Hugo Chávez. Desde que ascendeu ao poder, a 2 de Fevereiro de 1999, Chávez falou durante 200 mil minutos nas diferentes rádios e televisões do país, o que corresponde a 166 dias sem parar de falar.

A primeira-ministra da Islândia é lésbica, assumidamente. E isso interessa?

Chamam-lhe "Santa Joana" pelo trabalho a favor dos mais desfavorecidos enquanto ministra dos Assuntos Sociais. Johanna Sigurdardottir chega agora à chefia do Governo. É a primeira vez que um político assumidamente homossexual ocupa este cargo, mas na Islândia isso não é relevante

Texto: Maria J. Guimarães "Público"
Foto: Reuters

Jóhanna Sigurdardottir é a política mais popular na Islândia, e tomou posse no domingo como líder de um Governo interino que vai tentar fazer o país recuperar da situação catastrófica em que a crise dos mercados financeiros o mergulhou. É a primeira vez que a Islândia tem uma mulher primeira-ministra. E é a primeira vez, desde que há memória, de um político assumidamente homossexual chegar a este cargo em todo o mundo.

A primeira-ministra interina de 66 anos, era responsável

pela pasta dos Assuntos Sociais no Governo que caiu há dias. Johanna Sigurdardottir sempre foi conhecida pela luta pelos direitos das minorias, dos idosos, das pessoas com deficiência - o que lhe valeu mesmo a alcunha de "Santa Joana" - e é dos poucos políticos que os islandeses dizem estarem próximos do cidadão comum. No entanto, e apesar de ter na sua biografia oficial que é casada com uma mulher - a escritora Jonina Leosdottir, de 54 anos -, não é vista como alguém que luta pelos direitos dos homossexuais. Não esconde a sua orientação mas não faz alarde dela: nunca deu uma entrevista sobre a sua vida privada. O tema pode ser polémico e o mero facto de se dar a notícia de ser a primeira vez que um político assumidamente homossexual chega à chefia de um Executivo de um país deu azo a discussão.

Mas este caso parece ser mais notado fora da Islândia do que no próprio país: mesmo a escritora e jornalista islandesa Iris Erlingsdottir, que escreve no site norte-americano de notícias Huffington Post, admitiu que só se apercebeu do valor-notícia quando falou com americanos.

No seu país, diz Erlingsdottir, todos tendem a ver que a vida privada de cada um é a vida privada de cada um - e

não tem de ser trazida à praça pública. A escritora notou ainda que a Islândia já teve uma Presidente - a quarta chefe de Estado do país, em 1980 - que era ainda mãe solteira. E o acontecimento, lembra ela, foi bastante noticiado na imprensa mundial, mas no país foi encarado com equivalente apatia. O mesmo acontece agora: o secretário-geral dos sociais-democratas, Skuli Helgeson, sublinhou que o mais inovador era que pela primeira vez havia o mesmo número de ministros e de ministras.

Assumidamente gay

Na verdade, já houve um primeiro-ministro gay na Europa - Per-Kristian Foss, que em 2002 assumiu muito brevemente a chefia do Executivo norueguês (era ministro das Finanças e ocupou o cargo enquanto o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros estavam fora do país), mas foi uma passagem tão breve que não chega para ser considerado "o primeiro".

Apesar de ir ocupar o cargo como interina, Johanna Sigurdardottir deverá ser primeira-ministra até às eleições de 25 de Abril e tem a cargo a importante tarefa de liderar um país na bancarrota. Na tomada de posse, no domingo, prometeu que o seu governo, "baseado em valores sociais", iria "traba-

lhar rápida e energicamente" para sair da crise.

Associações de defesa de direitos de homossexuais de toda a Europa saudaram a escolha de uma lésbica para a chefia do Governo. Para se ter noção do que isto representa, pode olhar-se para o panorama europeu de políticos abertamente gays: desde 2001, há três presidentes de câmara, dois na Alemanha (os presidentes das câmaras de Berlim, Klaus Wowereit, e de Hamburgo, Ole von Beust), e um em França (Bertrand Delanoë, presidente da Câmara de Paris).

Delanoë - que é agora considerado um possível candidato às presidenciais de 2012 - foi atacado em 2002 por um homem que disse odiar "políticos, o Partido Socialista e homossexuais". Na semana passada, um membro do Executivo francês, o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares Roger Karoutchi, também assumiu a sua homossexualidade.

Na Grã-Bretanha, a associação Stonewall lembrou que mais do que ter políticos assumidamente homossexuais no mais alto cargo do Executivo, seria talvez mais importante que os Parlamentos dos países representassem a população - e no Parlamento britânico há apenas um deputado homossexual.

Em Portugal, não há nem houve ainda, nem no Governo, nem no Parlamento, po-



líticos que tivessem assumido a sua homossexualidade. Fora da Europa, fala-se do primeiro político americano abertamente gay eleito nos Estados Unidos: Harvey Milk, cujo biopic de Gus Van Sant se estreou na semana passada em Portugal, e que foi eleito para a Câmara de São Francisco em 1977, tendo sido assassinado, tal como o mayor, 11 meses depois de ter tomado posse.

"A minha vez..."

Mas quem é Johanna Sigurdardottir? As primeiras informações da biografia oficial dizem que nasceu em Reiquejavique a 4 de Outubro de 1962, trabalhou como hospedeira desde os seus 20 anos, é casada com Jonina Leosdottir desde 2002 (casaram numa cerimónia civil, diz o diário britânico The Guardian - os casamentos civis entre homossexuais no país são possíveis desde 1996). Sabe-se ainda que tem dois filhos de um casamento anterior com um banqueiro. Foi o facto de ter sido hospedeira (passou 11 anos na companhia aérea islandesa Loftleidir Airlines) que de algum modo levou Sigurdardottir à política - esteve sempre envolvida no

syndicato dos trabalhadores do sector comercial (entre 1976 e 1983). Quando saiu da Loftleidir Airlines teve um trabalho de secretariado numa empresa de embalagens. Candidatou-se pela primeira vez ao Parlamento pelo Partido Social Democrata (esquerda) em 1978 e foi eleita. Em 1987 chegou ao Governo, com o cargo de ministra dos Assuntos Sociais. Entretanto foi escolhida para vice-presidente dos

sociais-democratas - tentou depois chegar à liderança mas foi derrotada. Ficou famosa a frase que disse na altura, com um punho fechado no ar - "a minha vez há-de chegar" -, conta o Guardian. Pouco antes de concorrer à liderança do partido demitiu-se do cargo no Executivo e foi na altura a quinta pessoa a fazê-lo na história da Islândia por outras razões que não de saúde.

Um ano depois da derrota, Sigurdardottir fundou um novo partido de esquerda, o Movimento Nacional, que obteve quatro deputados nas eleições seguintes. Mas este acabou por se fundir com os sociais-democratas e outros partidos de esquerda em 1997, numa tentativa de contrariar a hegemonia que então tinha o Partido Inde-

pendência (direita).

Johanna Sigurdardottir é muito reservada em relação à sua vida privada. Não há sequer memória de que tenha aparecido acompanhada pela mulher em qualquer cerimónia oficial. "Dado o facto de ela gostar de ser deixada em paz enquanto pessoa privada, ficaria surpreendido se isso mudasse de modo dramático", disse à estação de televisão britânica BBC um jornalista da estação de TV pública islandesa, Ingo Sigfusson, antevendo poucas possibilidades de o casal aparecer junto em eventos oficiais.

Johanna Sigurdardottir é ainda a deputada há mais tempo no Parlamento da Islândia. "Ela é a política mais confiável e respeitada. É simplesmente a melhor pessoa para o cargo", disse o pai de Iris Erlingsdottir quando a jornalista lhe pediu para comentar a escolha. "Ela é uma ótima mulher. Justa e trabalhadora. É uma de nós", resumia ao Guardian Erna Kaaber, que é dona-empregada de um fast-food. "Um cliente trouxe-me uma T-shirt a dizer: 'A minha vez chegou'", conta Kaaber.

A vez de Sigurdardottir chegou no meio do colapso financeiro e económico que levou à crise política na Islândia. Do seu partido, esperava-se que pudesse assumir o cargo a líder, Ingibjorg Gislardottir, mas esta decidiu tirar uma licença para recuperar do tratamento a um tumor benigno do cérebro. Gislardottir indicou então Sigurdardottir, a ministra que manteve uma aprovação de 73% (o único membro do Executivo que não viu a aprovação descer ao mesmo tempo que a situação económica do país), a quem chamavam "Santa Joana", para liderar o país até ao dia das próximas eleições. @

